

**Os Flagelados do Vento Leste e Vidas Secas: o espelho da realidade social e psicológica dos ambientes e sua gente como um laço entre a literatura brasileira e a cabo-verdiana**

Maria Isabel Azevedo Assis<sup>1</sup>

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo analisar as obras de Manoel Lopes e Graciliano Ramos – *Os Flagelados do Vento Leste e Vidas Secas* – a fim de verificar específicos elementos que sugerem uma aproximação entre a literatura brasileira e a cabo-verdiana. A observação dos ambientes físicos, a psicologia das personagens e as particularidades discursivas dos textos são aspectos discutidos como forma de investigar as influências da literatura brasileira no projeto literário cabo-verdiano.

ABSTRACT: The present search has as an object to analyse Manoel Lopes and Graciliano Ramos' works – *Os Flagelados do Vento Leste* and *Vidas Secas* – so that it may verify the elements that suggest the approach between the Brazilian and Cape-verdian literatures. The observation of the physical environments, the characters' psychology and discursive particularities of the texts are discussed as a way of investigating the influences of Brazilian literature in Cape-verdian literary project.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira; Literatura cabo-verdiana; Influências  
KEYWORDS: Brazilian literature; Cape-verdian literature; Influences

Esta pesquisa objetiva abordar as obras *Os Flagelados do Vento Leste*, de Manuel Lopes, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, como possibilidade de discutir determinados elementos que aproximam a literatura brasileira e a cabo-verdiana, ou ainda, os indícios das influências de uma sobre a outra.

Dentro de uma perspectiva literária e discursiva dos textos de Lopes e Ramos, específicos traços passarão a ser observados: a caracterização dos ambientes físicos, a análise psicológica das personagens e as marcas de oralidade e a ausência da palavra presentes nesses romances.

---

<sup>1</sup> Mestranda da Universidade de Évora /Portugal. Contato: [isabel6360@hotmail.com](mailto:isabel6360@hotmail.com)

O estudo, portanto, vislumbra a tentativa de se pensar cada um dos elementos a serem examinados nas referidas obras como recursos empregados por seus autores a fim de justamente revelar e denunciar uma realidade dura e hostil. Sobretudo, importa focar, na pesquisa, o homem que vive as mazelas de sua terra, o qual, inserido, misturado e co-fundido em um contexto territorial abundante em adversidades, passa a viver sob excepcionais circunstâncias e a travar contínua luta pela sobrevivência.

### ***Os Flagelados do Vento Leste e Vidas Secas***

A afinidade entre a literatura de Cabo Verde e a do Brasil, especialmente a literatura iniciada com o movimento regionalista, tem sido destacada e reconhecida por diversos estudiosos. São apontadas como possíveis razões a identificação não apenas de temas literários, mas o próprio fato de o Brasil ter sido colônia de Portugal e de ter conseguido desenvolver uma literatura chamada *sua*, que retratava sua língua e os problemas locais. Além disso, a língua, as vertentes étnicas, as semelhanças ambientais e os problemas sociais enfrentados pelas ilhas cabo-verdianas e o nordeste brasileiro, particularmente, podem ser pensados como elementos afins entre as duas nações. Conforme observa Alberto Carvalho, no prefácio de *Falucho Acorado*:

A essa largueza de contactos se deve a adopção das sugestões temáticas oferecidas pela experiência regionalista brasileira, em razão de várias afinidades de contextualização geográfica de fundo tropical e histórico-colonial. (CARVALHO, 1997).

As influências literárias de Cabo Verde estavam pouco calcadas na literatura de Portugal, já que o que estava sendo produzido naquele país não ia ao encontro dos ideais e das necessidades ou inclinações dos escritores cabo-verdianos. Obviamente, não só a literatura brasileira serviu de “exemplo” ou inspiração, mas foi um importante

instrumento influenciador que contribuiu para a criação literária nas ilhas.

Nesse sentido, a *Claridade*, enquanto veículo da literatura e da ideologia de uma geração, da qual fazia parte Manuel Lopes, buscava mostrar uma postura que, de acordo com Carvalho, fosse

sensível às realidades do quotidiano do povo [...] no sentido de cada vez maior abrangência e representatividade da consciência geral da nação.” (CARVALHO, in.: Instituto Camões<sup>2</sup>).

Margarida Fernandes em *A Hora de Bai: os cabo-verdianos e a morte. Uma abordagem através da literatura de ficção*, ao discutir a realidade de Cabo Verde por meio do texto literário, igualmente salienta a literatura regionalista do Brasil, pois, segundo a autora, “a literatura de ficção cabo-verdiana das décadas de 30 e 40 foi fortemente influenciada pela literatura brasileira, através de autores como José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado.” (FERNANDES, 2004, p. 19 e 20).

Os laços podem ser perfeitamente identificáveis quando nos dedicamos ao estudo e a análise das influências em textos como *Os Flagelados do Vento Leste* e *Vidas Secas*. A terra árida, as secas ou as torrentes de chuva, os vastos períodos de escassez de alimentos e outros tipos de bens fazem parte da temática que compõe a ficção dessas obras, pois percebe-se em ambos os escritores a intenção de chamar a atenção para a situação real vivida por sua terra e seu povo. Parte de um painel realista montado no corpo do texto ficcional, o homem é apresentado como um elemento integrado no quadro geográfico. O envolvimento intrínseco com o seu chão, a luta pela

---

<sup>2</sup>Disponível em: <http://www.caboindex.com/claridade> ,  
[http://dn.sapo.pt/2005/01/26/artes/cabo\\_verde\\_coracao\\_ultimo\\_claridoso.html](http://dn.sapo.pt/2005/01/26/artes/cabo_verde_coracao_ultimo_claridoso.html).  
Acesso em: 05 de mai. 2008.

sobrevivência e a resignação com que encara os desafios, revelam-se como características particulares e específicas de sua psicologia.

Como veremos a seguir, Manuel Lopes e Graciliano Ramos fazem uso de específicos recursos (discursivos e/ou literários) que agem como ferramentas que colaboram para a construção do universo diegético das obras, evidenciando uma realidade que se pretende mostrar ou ainda discutir.

### **A caracterização dos ambientes físicos**

Na obra de Manuel Lopes existe um claro objetivo de retratar os problemas que assolam Cabo Verde, sendo a questão das condições climáticas e geográficas uma das vertentes que integram o desenvolvimento de *Os Flagelados do Vento Leste*. Para que seja possível tal abordagem, o autor dedica-se a observar o espaço físico e a descrever os ambientes e as calamidades que subjagam os habitantes das ilhas.

A caracterização é, todavia, não um aspecto isolado no texto, ou ainda, não constitui o ideal maior das intencionalidades do escritor, mas funciona como um elemento que permite a visualização de um macro panorama das situações sentidas e vivenciadas pelos moradores de Cabo Verde.

Importa, pois, ao texto, que se conheçam as secas que castigam os campos, a lestada, as grandes chuvas que arrasam os solos já frágeis, as pragas que cobrem e devoram o pouco que resta. Ao vasto conjunto de fatores, contudo, acrescenta-se o ser humano, afetado, envolvido e influenciado por uma verdadeira gama de flagelos.

A caracterização dos lugares permeia a obra, retratando, justamente, os problemas reais de Cabo Verde, como se lê:

Em lugar de chuva veio a lestada, depois da lestada os malditos gafanhotos. Para coroar a desgraça não caíra uma gota de água depois das chuvadas de Setembro. Os campos pelaram pelados, a nascente dava pingos só, a cabra quase nada, as galinhas andando dum

lado para outro atrás de Zepa, o porco grunhindo de manhã à noite. (LOPES, 1960, p. 123).

A observação do espaço físico com a descrição de elementos particulares é de grande importância e funciona, na obra, como recurso utilizado pelo autor, para dar conhecimento das tragédias que assolam o arquipélago. O homem é justaposto a esse território, ficando visíveis os efeitos calamitosos da natureza sobre ele que pressente e sofre as desgraças todas.

Os homens espiavam, de cabeça erguida, interrogavam-se em silêncio [...]. Nem um fiapo de nuvem pairava nos espaços. Não se enxergava um único sinal, desses indícios que os velhos sabem ver apontando o dedo indicador, o braço estendido para o céu, e se revelam aos homens como palavras escritas. (LOPES, p. 13).

Em *Vidas Secas*, há também a caracterização do ambiente. Porém, mais latente do que em *Os Flagelados do Vento Leste*, dispõe de toda e qualquer descrição como estratégia para penetrar o universo da psicologia do sertanejo. Ao longo da narrativa, a presença da caracterização geográfica mostra um olhar “enxuto” e basicamente essencial sobre os cenários secos e rudes.

Na primeira página, ao moldar as impressões iniciais das paisagens, descrevendo a região, o autor adiciona-lhe o homem, como elemento indissociável do nordeste brasileiro:

Na planície avermelhada, os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro [...]. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala. (RAMOS, 1982, p. 13).

Em relação a essa temática, Fernando Cristóvão, ao discutir o peso que a construção de painéis ambientais possui na obra de Graciliano Ramos, salienta que

as anotações paisagísticas são breves e explicativas. Se fala do Verão e o Inverno, das nuvens, do sol, da água ou das montanhas, é porque precisa desses elementos para estudar o comportamento psicológico do homem entregue

a um meio ecologicamente tão duro. (CRISTÓVÃO, 1998, p. 62).

Muito embora constitua-se como obra literária cujo discurso pretende-se ficcional, é evidente que *Vidas Secas* funciona como um espelho da situação real e verídica, enfrentada por uma localidade particular do Brasil, também pelo que traz em relação à sua conformidade geográfica. Na ótica da representação literária, a visão que se estabelece dos ambientes ultrapassa o caráter meramente descritivo, agindo como possibilidade de conhecermos e adentrarmos o campo psicológico que diz respeito aos retirantes do sertão.

A seca que castiga a terra está, de fato, presente e representada ao longo de toda a obra de Graciliano Ramos, seja por meio da observação mais voltada ao aspecto físico, seja pela constatação de que as vidas são (ou estão) igualmente secas.

A essa afirmativa podemos incluir a análise de Giovanni Ricciardi em *O Nordeste na Obra de Graciliano Ramos*, a confirmar que “a seca não é coisa abstrata, fantástica, mas é profundamente vivida e sentida pelos cinco protagonistas e pela terra que os acolhe.” (RICCIARDI, 1969, p. 278).

### **A análise psicológica das personagens**

O cabo-verdiano, na obra *Os Flagelados do Vento Leste*, tem um papel fundamental, já que interessa ao autor não só falar dos aspectos geográficos das ilhas, mas igualmente importa evocar os seus habitantes.

Logo no início do romance, Manuel Lopes delimita a influência do meio sobre as gentes de Cabo Verde e como o “destino” age sobre eles:

Naquela faixa de chão, perdida na largueza do Norte, os homens eram de várias castas. Cada um dava de si na sua hora. Era na carestia que o destino mostrava a força de ânimo e a conduta moral que os guiava. (LOPES, 1960, p. 15).

Seguindo as indicações e observações do próprio narrador, é possível atentarmos para uma análise da psicologia de dois personagens da obra: José da Cruz e Leandro. O primeiro deles - um humilde e corajoso agricultor - é sábio e possui a capacidade para compreender o tempo e respeitá-lo. O narrador desenha, em termos básicos, o perfil da personagem:

José da Cruz era homem de bom pensar e de bom conselho, homem de sacrificio quotidiano, dessa raça de gente direita que sabia diferenciar as coisas [...], e sabia também estudar no tempo e confiar no tempo.” (LOPES, p. 72).

Entretanto também sobre o homem bom, de boa índole e grande fé age o implacável destino. Com a lestadada, José da Cruz não perde só os bens materiais - perde a companheira Zepa e os filhos Mochinho e Lela -; fica solitário no mundo, perdido entre as lembranças do passado e as confusões da memória. A tragédia das ilhas é, pois, uma tragédia íntima e pessoal.

Todavia mesmo no furor da crise, José da Cruz mantém-se fiel a seus princípios morais, já que essa é característica de sua personalidade. Não aceita a ajuda do filho Leandro, pois sabe que tais recursos são provenientes do roubo. No auge do flagelo, José não abandona seu canto, preferindo lá ficar até o fim, ao contrário do que fazem os retirantes das ilhas. No final do texto, o então José da Cruz em nada lembra a personagem cheia de fé e vontade do início da obra: “O seu aspecto era de morto descido das montanhas e que teimava em conviver com os vivos” (LOPES, p. 214).

O jovem Leandro, por sua vez, é desprovido dos princípios morais que norteiam sobretudo o pai. Na construção da psicologia da personagem, o autor atribui-lhe características ambivalentes: é, por um lado, um bicho selvagem, solitário e sem uma consciência social e, por outro lado, possui amor rude, mas profundo e verdadeiro pela família. Leandro vive do roubo e, por esse motivo, quando a tragédia desce

impiedosa, ele consegue atravessá-la ileso. O meio é modelador das personalidades, assim, tanto a terra é hostil, com o é seu perfil:

Leandro habituara-se à solidão do Campo Grande. Um ror de anos, oito talvez, desde os dez ou onze anos de idade pastoreando gado – vacas, cabras, carneiros (...). Era uma vida de bicho aquela de lidar com bichos... (LOPES, p. 111).

Embora a personagem tenha esta característica, sendo mesmo ladrão, o autor preocupa-se em revelar o outro lado de seu caráter: o jovem ama a família, ama “...as nuvens, com seus desenhos fantasmagóricos, as estrelas, as plantas silvestres, as aves que cruzavam, solitárias, os amplos céus...” (LOPES, p. 113).

Aqui percebe-se que o homem rude, que rouba e lesa os outros, é provido de sentimentos bons. Já no final da obra, o filho de José da Cruz – por vezes vilão, por vezes anjo – mostra-se novamente humano. Ao tentar comprar fazendas para Lisbânia – a menina que ele salvara da morte e por quem se apaixonara – é atacado e ferido ao ser reconhecido como um ladrão.

A complexidade de sua psicologia é, portanto, construída ao longo do texto de forma a revelar que, sobre tal personagem, o cenário calamitoso age de forma ímpar: Leandro sente-se como um bicho e importa-lhe sobretudo sobreviver aos flagelos; concomitantemente, o jovem é capaz de gestos verdadeiramente humanos, pois quer ajudar, da forma que pode e como entende, a família e a mulher que sabe amar.

Em relação ao texto de Graciliano Ramos, a análise psicológica tem igualmente grande relevância. A importância que o autor dá a esse elemento é tão acentuada, que Fernando Cristóvão chega a afirmar que em *Vidas Secas* “o interesse pelo *eu* de cada uma das personagens é superior ao interesse pela Natureza e seus fenômenos.” (CRISTÓVÃO, p. 39).

Fabiano, Sinhá Vitória, o Menino Mais Novo, o Menino Mais Velho e a cachorra *Baleia* são os cinco protagonistas da obra que vivem e que são afetados pelos terríveis períodos de seca do nordeste brasileiro. Na



análise das personagens, o narrador adquire uma função singular dentro do texto, já que é especialmente através dele que se conhece um pouco de suas personalidades.

A primitividade que envolve a psicologia e a relação daquela família fica evidente tanto em termos dialéticos, já que as personagens não conseguem se comunicar, quanto na própria construção dos elementos pertinentes aos seus caracteres.

Fabiano, o vaqueiro e homem da casa, sente-se um bicho, pois a vida agreste e repleta de dificuldades deixa impregnado em seu âmago as mesmas características, isto é, Fabiano é um retrato de sua terra. Essas marcas podem ser observadas,

– Fabiano, você é um homem – exclamou em voz alta.

[...]

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

– Você é um bicho, Fabiano.

Isso para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. “ (RAMOS, p. 22).

[...]

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. (RAMOS, p. 23).

Outro aspecto importante e que reforça a proximidade das personagens <<humanas>> a uma situação <<não-humana>>, ou ainda, a um universo hostil e animalesco, observa-se no tratamento dado à cachorra *Baleia*. O narrador dirige-se a ela como se ela fosse um ser humano: “Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam...” (RAMOS, p. 76).

Também a personagem Sinhá Vitória, diante daquele quadro miserável, passa pela obra como a experiência impõe. É uma mulher simples, resignada e sofrida. Em um universo restrito, privada de objetos muito elementares, a mulher de Fabiano, todavia, tem sonhos “ambiciosos” em relação à vida que possui: “Para a vida ser boa, só faltava a Sinhá Vitória uma cama igual à de Seu Tomás da bolandeira.” (RAMOS, p. 75).

Nota-se que, apesar de uma situação trágica, a personagem não apenas apresenta um certo contentamento (já que é a única realidade que conhece), como também consegue tão somente sonhar em ter uma cama.

Por fim, é possível ainda verificar que, na obra de Ramos, os filhos de Sinhá Vitória e Fabiano não têm nome – são chamados pelo narrador de “o menino mais novo” e “o menino mais velho” – o que remete a uma idéia de indeterminação daquelas vidas, também indefinidas no espaço e no tempo em que vivem.

Em *Vidas Secas*, a análise psicológica da família de retirantes é de suma importância, pois é por meio de tais observações que fica evidente que as personagens são verdadeiros espelhos do local onde habitam, lutando continuamente contra o tipo de vida que possuem e contra a morte.

### **Marcas de oralidade e a ausência da palavra**

O propósito de registrar o homem cabo-verdiano e a multiplicidade de elementos a ele concernentes perpassa toda a obra *Os Flagelados do Vento Leste*. Um indicativo desse interesse é a presença da marca de oralidade no discurso.

A visão que o autor fornece do habitante das ilhas de Cabo Verde pretende-se ampla e fiel, sendo, portanto, a fala desse homem um aspecto de especificidade que o identifica.

Logo no início da narrativa, é possível perceber a manifestação genuína da fala: “Eh, comadre, bom-dia. Que cedura é esta? Pensava mesmo em ocê agorinha assim.” (LOPES, p. 18). Em outros dois trechos, o autor, com fidelidade, transfere ao texto a oralidade do cabo-verdiano: “- Ó xente! Ó xente! Comadre Zepa, uma desgraça!” (LOPES, p. 46). [...] “Espírito velho em corpo novo, é velhica!” (LOPES, p. 57).

Se na obra de Manuel Lopes há uma clara dedicação ao retrato da fala e das situações comunicativas dos habitantes das ilhas, em *Vidas Secas* o autor utiliza-se da ausência de diálogos como mais um

indicativo da *primitividade* e da rudeza que envolvem e que integram o universo das personagens.

Na escassez de palavras, abundam os gestos e os sons indefinidos, que traduzem uma ânsia sôfrega pela comunicação. Entre a família de retirantes, a quase inexistência de diálogos pode ser entendida dentro de um contexto de misérias como mais uma carência. É a essa falta de relacionamento que se refere Lamberto Puccinelli em *Graciliano Ramos. Relação entre Ficção e Realidade*, dizendo que

a comunicação entre esses indivíduos estabelecida nas formas de interação não simbólica: um gesto, um espichar de lábios, um olhar bastam para traduzir esperanças e incertezas. (PUCCINELLI, 1975, p. 125).

Neste sentido lê-se que, sendo a palavra um símbolo, impera entre os retirantes a comunicação não simbólica (a partir de uma perspectiva da palavra), todavia, os próprios gestos caracterizam-se na obra como um outro tipo de comunicação, funcionando não como um complemento da linguagem, mas sendo essa a própria linguagem. Graciliano Ramos dá uma amostra da dimensão comunicativa de Fabiano, no uso de onomatopeias como “- Ecô, êco!” (RAMOS, p.78).

No início da obra, também é possível encontrar um indício, dado pelo narrador, sobre a complexidade que permeia a capacidade de desenvolvimento do diálogo entre aqueles indivíduos. No trecho a seguir, o narrador revela a visão que Fabiano tem sobre o interesse dos filhos em dominar as habilidades discursivas: “Eles estavam perguntadores, insuportáveis. Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha.” (RAMOS, p. 25).

Em *Vidas Secas*, a ausência da palavra e, por vezes, a busca aflita por ela, está, pois, em concordância com as situações lastimosas que envolvem a terra e a vida das personagens.

A presente pesquisa buscou estabelecer uma aproximação, de forma comparatista, entre a literatura brasileira e a cabo-verdiana a partir da leitura das obras *Os Flagelados do Vento Leste* e *Vidas Secas*.

Ao avançar as observações do texto de Lopes e Ramos, a pesquisa quis chamar a atenção para alguns elementos literários e discursivos que ambicionam, em última instância, colaborar para constituir, nas obras, um painel das problemáticas que se pretende discutir.

Três foram os aspectos analisados. Em primeiro plano foi destacada a caracterização dos ambientes físicos, que objetiva dar uma dimensão tanto das hostilidades e rudezas dos lugares como também adentrar e conhecer toda uma panorâmica do universo real e psicológico referidos nos textos. O segundo ponto analisou em particular a psicologia das personagens, mostrando os aspectos inerentes à personalidade dos habitantes das ilhas cabo-verdianas e do sertão do nordeste brasileiro. O terceiro e último aspecto da pesquisa observou as marcas de oralidade no texto de Lopes e a falta de diálogos presente em *Vidas Secas*, que funciona como um traço de identificação e conformidade com as vidas, também repletas de carências.

Como conclusão, observa-se que o romance *Os Flagelados do Vento Leste* de Manuel Lopes e o romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos podem ser compreendidos como espelho da condição social e psicológica dos habitantes do arquipélago de Cabo Verde e do sertão do nordeste brasileiro. Os elementos aqui examinados reforçam e reafirmam a existência dos elos entre a Literatura do Brasil e a de Cabo Verde.

### **Referências bibliográficas**

CRISTÓVÃO, Fernando. *Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar*. 4. ed. Lisboa: Edições Cosmo, 1998.

FERNANDES, Margarida. *HORA DE BAI. Os cabo-verdianos e a morte. Uma abordagem antropológica através da literatura de ficção*. Lisboa: Coleção Palavra Africana/Ensaio. Nova Vega e Autora, 2004.

LOPES, Manuel. *Falucho Acorado*. Edição de Alberto Carvalho. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.

\_\_\_\_\_. *Os flagelados do vento leste* (1959). Lisboa: Ulisseia, s. d. Coleção Atlântica.

MATOS, Albano. Cabo Verde no coração do último 'claridoso'. *Diário de Notícias*, Lisboa, jan. 2005.

PUCCINELLI, Lamberto. *Graciliano Ramos. Relações entre Ficção e Realidade*. São Paulo: Coleção Escritores de Hoje. Edições Quíron Limitada, 1975.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas* (1938). Mem Martins: Europa-América, 1982.

RICCIARDI, Giovanni. *O Nordeste na Obra de Graciliano Ramos*. Lisboa: Separado da Revista *Ocidente* – vol. LXXVII, 1969.